

Uma região aberta ao contributo de todos, na construção do bem comum.

Aproximamo-nos deste acto eleitoral depois de, nas eleições regionais anteriores, em 2014, terem votado apenas 1.304.841 pessoas, representando 37,71% dos 3.460.402 eleitores.

A política dos partidos nos últimos anos contribuiu certamente para originar uma desconfiança generalizada na classe dirigente. Não é por acaso que se tem muitas vezes recorrido ao Presidente da República como garante institucional numa situação de incapacidade da política de desenvolver competentemente a sua obrigação. O Censis, no seu último relatório, salienta que a hesitação é o estado de espírito predominante em 69% das pessoas. À pergunta sobre se os cidadãos ainda confiam no próximo, 75% respondeu de modo negativo; 48% mostrou até uma inclinação antidemocrática: é favorável a um só homem forte no poder.

As respostas tradicionais a nível social e institucional já não parecem ser suficientes. É fácil queixar-se da política, do sistema, dos outros, raramente reconhecendo o desinteresse, a falta de disponibilidade e o fechamento que nos caracterizam.

É possível começar de novo? Por onde?

Apesar do medo, da irritação, dos fenómenos de violência, que levam à construção de muros e a um niilismo disseminado, continua a haver um desejo último de justiça, de beleza, de verdade, uma irreduzibilidade última, que na história conturbada do nosso país, bem como da nossa região, levou a uma extraordinária capacidade construtiva. E ainda hoje é assim; podemos partir do desejo irreduzível que existe em cada um, pondo em prática modalidades de colaboração e de ajuda sempre renovadas. Existem muitos exemplos também na nossa região:

- Uma jovem família, em face da deficiência de uma filha, descobre as dificuldades e os custos gravosos que derivam de uma condição deste género e que tanto pesam nas escolhas quotidianas, até educativas. Conhecem outras famílias na mesma situação e decidem ajudar-se, envolvendo outros amigos, oferecendo companhia e recolhendo fundos para contribuir para as despesas acrescidas associadas à deficiência. Nasce uma nova associação para apoiar as famílias com filhos deficientes.

- Em todas as províncias da nossa região, desde há mais de 30 anos e até hoje, grupos de famílias decidem abrir novas escolas ou relançar instituições já existentes. Hoje em dia na Emilia-Romagna as escolas com autonomia pedagógica recebem, no seu conjunto, 11% dos alunos. As escolas ao longo do tempo constituem uma rede e iniciam um diálogo com as instituições regionais e locais a fim de defender para todos os direitos ao estudo e à liberdade de escolha da escola.

- Há uns anos um médico decide 'tratar' os pacientes através da experiência da unidade de cuidados paliativos, uma estrutura de internamento para doentes que precisam de tratamento especializado nos cuidados paliativos continuados. Dentro do Serviço Regional de Saúde contribui para desenvolver uma rede de assistência domiciliária com uma difusão capilar das unidades de cuidados paliativos. Trata-se de um compromisso motivado pelo facto de que "é importante que existam estas estruturas, mas mais importante ainda é quem nelas trabalha", podendo contar também com o apoio de algumas Associações de Voluntariado.

- Em 2003 nasce uma realidade cooperativa dirigida aos desempregados e a pessoas em dificuldade que, com o contributo municipal e regional, começam um percurso de reinserção laboral. A cooperativa recupera a produção de enguias, interessando-se pelo território e as suas tradições e as pessoas acolhidas são reinseridas numa experiência laboral e numa nova dignidade humana e social.

- Uma senhora enfrenta a doença do pai que sofre de demência senil. Recebe-o em casa, procura e encontra um método desenvolvido por um médico para compreender os gestos e palavras do doente. Uma descoberta de tal maneira útil que a faz querer colocá-la à disposição de todos. Primeiro um curso de formação, depois o convite ao professor que desenvolveu o método para um encontro público. O presidente da Câmara, presente no encontro, admirado pelo testemunho, favorece o nascimento de um projecto para a cidade. Os pedidos de assistência aumentam e a fundação bancária local decide apoiar economicamente a iniciativa.

São exemplos, 'pequenos' e 'quotidianos', que deixam patente a indicação de um método e o contributo original que oferecemos à política.

Os casos descritos – como muitos outros ainda – mostram que, de facto, mesmo nesta mudança epocal, o elemento decisivo é a existência e a geração de um sujeito “responsável”, que vive, diz “eu, não se rende e constrói um bem para si e para os outros. Pode-se recomeçar a partir daqui. E isto interpela toda a gente, também os políticos e os candidatos.

O que é que esperamos/ exigimos da política?

Aprender o método de resposta às necessidades que vem dos exemplos reconhecidos nas experiências positivas dos cidadãos. Fazer própria a vontade de construir gratuitamente para o bem de si mesmo e de todos que estes sujeitos mostram com os seus esforços.

Mas para fazer isso é preciso mudar a mentalidade. É preciso aceitar o risco de apostar na liberdade das pessoas e da sociedade civil quando demonstra ser capaz de colaborar na construção do bem comum, com iniciativas, obras, propostas educativas e de solidariedade.

Pedimos que a política saia de um situação de recontro para abrir-se a um confronto real com as necessidades, na consciência de que o outro é um bem e cada um pode dar o seu próprio contributo. Que se esforce por conhecer a exigência e a necessidade dos seus cidadãos, antes ainda de definir como fornecer os seus serviços.

Está ainda longínquo na Emilia-Romagna um sistema realmente centrado no financiamento da procura (e não da oferta) de serviços, que aposte na capacidade do cidadão de construir e de escolher. Em síntese, face a tantos esforços já feitos no sentido de uma valorização da sociedade a partir de baixo, é preciso agora ter coragem para dar um passo importante. É necessário investir no potencial das Regiões, que estão menos distantes do cidadão, para tentar dar uma perspectiva de relançamento no prazo imediato e sugerir novos percursos à política nacional no longo prazo.

As Regiões desempenham um papel fundamental nos sectores que tocam mais de perto as necessidades e o dia-a-dia dos cidadãos: a saúde (mais de 80% do orçamento regional), as políticas sociais, o ensino que, com o trabalho, a formação profissional, a valorização das vocações territoriais (como o turismo), o ambiente e o governo do território representam o cerne das competências regionais.

As Regiões desempenham um papel fundamental nos sectores que tocam mais de perto as necessidades e o dia-a-dia dos cidadãos: a saúde (mais de 80% do orçamento regional), as políticas sociais, o ensino que, com o trabalho, a formação profissional, a valorização das vocações territoriais (como o turismo), o ambiente e o governo do território representam o cerne das competências regionais.

As Regiões desempenham um papel fundamental nos sectores que tocam mais de perto as necessidades e o dia-a-dia dos cidadãos: a saúde (mais de 80% do orçamento regional), as políticas sociais, o ensino que, com o trabalho, a formação profissional, a valorização das vocações territoriais (como o turismo), o ambiente e o governo do território representam o cerne das competências regionais.

Há muito trabalho a fazer e é cada vez mais urgente estabelecer redes entre os sistemas regionais virtuosos, independentemente das filiações partidárias, pondo em confronto mesmo os diversos modelos regionais, para encontrar caminhos praticáveis que tenham em consideração a complexidade dos problemas e da necessidade de garantir o máximo grau de solidariedade. Os exemplos virtuosos nas Regiões existem e, em vez de perseguirem uma política competitiva com o objectivo estéril de demonstrar que o seu modelo é o melhor, seria desejável uma colaboração proveitosa a fim não só fazer crescer os respectivos territórios mas também servir de incentivo para todo o país, hoje claramente em dificuldades.

Estamos interessados em dialogar sobre estes temas com todos quantos estão disponíveis

Percebemos que, mesmo em política, não nos podemos permitir ser ideológicos. Desejamos dialogar com todos, inclusive os políticos de qualquer orientação, para estarmos cada vez mais abertos ao contributo de todos na construção do bem comum.

Também nesta ocasião queremos aceitar o convite que o Papa Francisco a todos dirigiu, precisamente aquando da sua visita a Emilia Romagna, a não ficar a “ver da janela”.

No memorável discurso na Piazza del Popolo, em Cesena, a 1 de Outubro de 2017, o Papa deu um ponto de vista sobre a política, ainda mais decisivo hoje em vista do próximo acto eleitoral.

De facto, nessa altura apelou à necessidade, para a vida da comunidade, da boa política: “não da que está subordinada às ambições individuais ou à prepotência de facções ou centros de interesses. Uma política que não seja nem serviçal nem dona, mas amiga e cooperante; não temerosa ou precipitada, mas responsável e, portanto, corajosa e prudente ao mesmo tempo; que faça crescer o envolvimento das pessoas, a sua progressiva inclusão e participação; que não deixe à margem algumas categorias, que não despoje e envenene os recursos naturais... Uma política que saiba harmonizar as legítimas aspirações dos indivíduos e dos grupos, mantendo o rumo bem firme sobre o interesse dos cidadãos todos. É este o rosto autêntico da política e a sua razão de ser: um serviço inestimável para o bem da colectividade inteira.”